

excesso. Em consequencia tinha-se resolvido precipitar no ribeiro os officiaes, e o presidente de Winke. Ainda nada se havia decidido sobre o destino que reservavam aos outros funcionários que deviam seguir o acompanhamento com tochas; mas o grito publico era que esses magistrados Luteranos, Prussianos como todos o são, só serviam para serem affogados. Os magistrados, por fortuna, estavam advertidos, e a festa projectada não se verificou. Então um desconhecido deu occasião a novos burulhos, espalhando o boato da prisão de um frade franciscano, chamado o Padre Henrique. O povo correu em chusma e armado pelas ruas: eram dez horas da noite. Os sediciosos tinham-se assaltado das chaves das igrejas, tinham posto sentinelas à porta de cada igreja para tocar os sinos a rebate, logo que se tentasse levar o Padre Henrique. Affirmava-se que a sege que devia conduzi-lo á prisão, estava já ao pé do convento. A multidão para lá se dirigiu, e pelas onze da noite se ouviram os gritos de « Viva o Arcebispo! Viva o Padre Henrique! » Então a polícia foi obrigado a chamar a tropa: os soldados correram as ruas, e exhortaram os habitantes a retirarem-se para suas casas. « A noite está bonita, respondiam elles (fazia um frio de 18 graus) estamos aqui bem, e queremos passar um pouco mais. » Pouco depois romperam de novo os mesmos gritos em favor do Arcebispo, e do Padre Henrique. Com estas vozes se ouviam outras que gritavam: « Se quizerem levar a força o Padre Henrique, não se perdoa a um só Luterano! Os habitantes de Colonia consentiram que lhe levassem o seu Bispo, nós cá não consentiremos que nos levem um simples frade. » O povo se apresentou no convento dos Franciscanos e teve a certeza de que nenhum mal se fizera ao Padre Henrique; mas certo de que só por temor o não tinham prendido o povo todo desvanecido, gritou pelas ruas até às duas horas da manhã. Então começou a dispersar-se, não sem ter provocado o general Wrangel, e o presidente superior de Winke, gritando-lhes diante das casas: « Saíam ca para fora, Luteranos, se são capazes. » Esta manhã a tranquillidade estava restabelecida na cidade. Temiam-se pela noite novos barulhos: mas esfavam tomadas as providencias, e não foi perturbada a paz. (Journ. des Débats.)

O numero dos juriseconsultos e advogados nos tribunais de Paris, pelos fins do Imperio, subia a 310; em 1830 a 670; em 1837 a 880. Em Bruxellas, o numero dos advogados que em 1815, era de 100, subia em 1830 a 220. O numero dos advogados, inscriptos no quadro, é agora de 150. É preciso juntar a esta conta 12 advogados no tribunal de Cassação, e 80 advogados stagarios. Assim, guardada a proporção, a advocacia de Bruxellas tem o dobro da de Paris. Deve porém admirar que Bruxellas, antes de 1790 não tivesse menos de 440 advogados no Concelho de Brabante, isto é, um advogado por 200 habitantes.

Está no prélo uma obra que pôde despertar a curiosidade dos artistas e homens de letras: é uma correspondencia de Rubens, colligida por um Belga. Os originaes são escritos em francez, italiano, ou latim, segundo a qualidade das pessoas a quem se dirigir.

(Idem.)



Lisboa, 27 de Fevereiro.

DA PENA DE MORTE.

(ARTIGO II.)

CONSIDERAMOS já em si a pena de morte: vimos que nenhuma sanção tinha nos principios constitutivos de Sociedade, antes era, em respeito a elles, um absurdo contraditorio. Falta examinar a questão pelo lado da necessidade: ver, se como quer De Maistre, todo o poder, grandeza, e subordinação repousa no algoz; e se a espada da Justica deve estar sempre desembainhada para ameaçar e ferir de morte. Tirai, diz aquelle fautor e apologeta do despotismo, tirai do mundo o carrasco, esse agente incomprehensivel, e no mesmo instante a ordem se tocara em cahos, os hermos soveter-se-hão, e a Sociedade desaparecerá.

E' esta a lingagem de um dos mais habéis propaguadores do absolutismo na Europa. Foi este o resultado rigorosamente logico que elle

deduziu dos seus principios politicos. Qual será a deducção de principios contrarios, de principios liberaes? Parece que o opposto. E com efecto foi o que delles deduzimos no antecedente artigo: vejamos agora qual a necessidade e a utilidade social da pena de morte.

E um facto ali está — um facto perenne, e innegavel — a historia criminal dos Povos modernos, comparada com a frequencia dos supplicios. Não fallaremos de epochas de convulsões politicas; porque a exaltação das paixões converte então o homem em anjo de heroísmo, e resignação, ou em demônio de barbaria e vileza: mas consideremos os tempos ordinarios de cada Sociedade, seja qual for a sua forma politica de existir; vejamos se o cadafalso serve, em verdade, para reprimir crimes, porque, na falta de outros meios para alcançar aquelle fim, elle seria uma necessidade publica.

Como não é possivel chamar a juizo a historia de todas as nações da Europa, até porque faltam os apontamentos estatisticos desta especie, na maior parte dellas, olhemos só para a França e Inglaterra.

Na França é indubitável que ha uma reputancia visivel à comminatio da pena de morte: a guilhotina, tão rica de victimas durante a revolução, quasi que se vê hoje abandonada; e se muitas vezes a brandura e a philosophia falta nas Leis, está no caracter do povo, e na consciencia dos Juizes.

A Inglaterra foi no seculo dezoito, e ainda nos segundos dez annos do reinado de Jorge 3., o paiz classicó da força, e a pena capital, seguido Mr. Phillips, dava a Londres umas parências de açoogue; hoje a Inglaterra está já longe desta crueldade, mas ainda excede muito a França no numero das execuções annuas.

Em França, segundo um relatorio do Ministro da Justica, de 1829, vê-se que n'um anno, de 4475 criminosos julgados, tinham sido condenados á morte só 89. No anno de 1833 aquelle paiz, tendo crescido em população tinha diminuido em criminosos, pois só houve 4418, dos quaes apenas 74 foram condenados á pena ultima.

Todos sabem que a populacão da Inglaterra é bastante inferior á da França. A somma dos criminosos convencidos na Grã-Bretanha era de pouco mais de 10:000 em 1829, sendo destes condenados á pena ultima 1311. Em 1832 houve 14:947 sentenças; não sabemos quantas de morte: mas basta-nos saber que a pena ultima imposta á 9.^a parte dos criminosos em Inglaterra, em 1829, sendo em França, no mesmo anno, imposta á quinquagessima parte delles, não embaraçou que nesse paiz a criminalidade fosse em progresso, em quanto neste foi em diminuição.

Que prova isto? Que o supplicio nada influe nas accções dos homens: que se devem buscar as causas que os levam a perpetrar delictos, para as remover, em vez de erguer cadafalsos, que destroem o criminoso, mas não impedem que elle o seja. Um homem honrado ultrajado, não dista um passo de ser um assassino: não espereis que elle o seja, para depois o enforcar; dai-lhe leis que tomem a seu cargo desfronta-lo. Um desgraçado, rodeado de filhos, sem ter um bocado de pão que lhes dê, vae converter-se n'um salteador da via publica; não espereis que elle o seja para depois o enforcar: abri ao povo o caminho de ganhar a vida na lavoura, no commercio, ou na industria, e os salteadores desaparecerão. Um creançá de tenra idade mostra índole perversa, anuncia para a idade viril um malvado: moderae-lhe e torce-lhe essa índole na infancia, creando uma educação publica, que não existe: não espereis que elle seja homem e criminoso, para depois o enforcar: guiae bem a mocidade e os crimes rarearão.

Virá alguém com dizer que no estado actual da Sociedade, existindo essas causas de crimes que apontámos, não é possivel apagar dos códigos criminais as leis escriptas com sangue? Pór esta objecção será daqui a cinquenta annos uma vergonha: ha também cincuenta annos que se julgava impossivel sustentar colonias sem o tráfico dos negros: quem, seu córar, se atrevérá a dize-lo hoje? Ainda ha pouquíssimos séculos, os tratos e as fogueiras eram no entender de muitos politicos instrumentos necessários da existencia social! No tempo dos hebreus era considerado o exterminio de raças inteiras como outro elemento da Sociedade. — Se conhecessemos a historia primitiva do genero humano, talvez, lá achássemos ainda mais horríveis necessidades sociaes.

Felizmente o progresso intellectual e moral

não para: a ultima preocupação das epochas de barbaridade passará: a palavra algoz chegará a ser um arrelâsimo; e os cadafalsos apedrados e roldos dos vermes serão algum dia, um monumento dos delitos e erros do passado.

BIBLIOGRAPHIA.

Nações Elementares de Economia Politica, por Antonio de Oliveira Marreca. Opusculo que ha de servir de Compendio ás Pessoas que frequentarem o Curso de Economia Politica, fundado pela Associação Mercantil de Lisboa, e dirigido pelo Autor. Lisboa, 1833: um vol. em 3.^o portuguez de 136 pag.

A SIMPLES leitura deste titulo estava requerindo mais largo discurso do que podem comportar os limites acanhados deste Jornal. A recomendação da materia, o merito do Autor, as publicas vantagens da Escóla que vai abrir, a gratidão que a Patria deve a este novo beneficio da Associação Mercantil, eram assumptos para por todos elles se espraiar com deleitado uma penha portugueza.

Homens tem havido no mundo, melancolicos por temperamento, ou melancolizados por infortunios seus, e alheias injusticias, que não só desconheceram, mas chegaram a negar e impugnar com todas as forças de sua eloquencia a social destinacão da nossa especie: era cerrar os olhos á natureza fysica, era desattender os factos da historia, ou não procurar nelles as causas e effeitos palpaveis. Hoje porém um similhante paradoxo seria alguma cousa mais que cegueira e curteza de entendimento; demonstraria em seus defensores uma bruteza mais que selvatica, uma obstinação acintosa e malfazeja; seria uma verdadeira tentativa de assassinato contra um seculo adulto, e que já não pôde morrer. Os milagres do espirito de Associação posto em practica, são tão numerosos, tão extraordinarios, e por tal arte incontestaveis, que apenas se encontrará obra moderna, que a este espirito não devesse a sua primeira origem, traça, e complemento. Por associações se fazem as leis, por associações se governa, por associações se julga, por associações se cultiva a terra, se exportam, permitem, e derramam seus fructos pelo globo; por associações se facilitam e engrandecem as Artes e a Industria, por associações se espraiam as letras sagradas e profanas com a abundancia de uma chuva fertilisadora que repassa até á ultima camada social, por associação estão prosperando todas as sciencias á portia. As viagens, que ainda hoje são, e serão sempre o que foram no tempo de Ulysses, o meio mais efficaz de civilisar os povos, mas que nos dias acanhados de nossos avós assustavam a imaginacão até dos mais aventureiros, pela multiplicidade e grandeza das dificuldades e perigos, graças a esta varia de condão, são hoje um passatempo facil, prompto, e commodissimo. Podeis daqui a pouco voar a todos os pontos do globo, como já hoje a muitos, dormindo ou folgando, e n'um volver d'olhos: o tempo e o espaço que nos fixavam, como arvore, no torrão do nosso aaseimento, dissiparam-se pela associação, como já se tinha dissipado o despotismo, a ignorancia, a mendicidade, e miseria em muitas partes.

A grande emigração portugueza no reinado do Terror, foi innegavelmente um mal, e grandes males produziu, que ainda continuaro por largo espaço, particularmente no tocante a costumes; mas se por ella nos veiu, como sem dúvida veiu, o conhecimento da Associação, e suas vantagens, e a tendencia que para ella se experimenta geralmente, diremos com Lucano:

.... sceleris ipsa, nefasque

Hac mercede placent.

Embora venham crimes e horrores, que por tanto beneficio se descontam.

Das varias Associações já existentes para varios fins importantes, e universalmente approvadas e applaudidas, uma das primeiras e sem nenhuma duvida a Associação Mercantil de Lisboa. Assidua nos seus trabalhos, resoluta em vontade, poderosa em forças, e cheia de luz e de intelligence, tem ella já excedido por suas obras e emprezas, o muito que desde o seu principio se augurou della: e quem sabe quanto ainda tem de nos valer em dias futuros! Mas, não é aqui o lugar, por estreito, de inventariar todos os seus feitos prestados; nem a gratidão de uma nação toda poderia ser por nossa voz dignamente representada. Limitamo-nos a chamar a attenção de nossos concidadãos para esta recente dadiça com que hoje tão des-